

O CERTAME DA BELEZA: DESAVENÇAS CONCEITUAIS DOS PADRÕES DE ESTÉTICA DE MULHERES NA REVISTA ERA NOVA.

Erilane Dainne Sousa OLIVEIRA*

O presente trabalho teve como principal objetivo, realizar uma discussão sobre a construção da imagem de mulher, através da revista Era Nova (1921-1926), tomando como base a problematização de algumas publicações da revista que permitiu, trazer à tona a visão que era construída dos padrões de estética de mulher na época.

No discurso entre uma colaboradora da revista que usava o pseudônimo Violeta e uma leitora de nome Guiomar, que discutem em alguns exemplares da revista conceitos de padrões de estética. Revela que havia uma preocupação de um ideal preso aos padrões estéticos, inspirados em modelos europeus, notadamente franceses, e modelos emergentes dos norte-americanos.

A revista Era Nova, foi um periódico que marcou época na vanguarda do movimento modernista paraibano, e que teve sua circulação na Parahyba do Norte (atual João Pessoa) entre os anos de 1921 a 1926. Severino de Lucena, com a ajuda de alguns intelectuais paraibanos, entre eles o ilustre Horácio de Almeida, fundou a revista que tinha circulação quinzenal.

O primeiro exemplar da revista foi publicado em 27 de março de 1921, tendo circulado por mais cinco anos, deixando de ser publicada logo que terminou o governo de Sólton de Lucena, em 1926. *“A Era Nova anunciava assinatura para o interior, o que leva a crer que sua circulação se dava em todo o estado, somando-se a esse dado o fato que a revista publicava muitas fotos enviadas de diversas cidades paraibanas”*. (LIRA, 1997, p.120).

De acordo com Araújo (1983), a revista era impressa de papel de boa qualidade (*couché*), possuía ótimo nível gráfico e literário, e era muito bem ilustrada. Além disso, a estruturação e divisão do seu conteúdo eram bem diversificadas, as capas dos exemplares geralmente pleiteavam a figura de uma mulher que em sua maioria pertencia à alta sociedade paraibana. Suas reportagens eram feitas por diversos colaboradores masculinos, considerados como grandes intelectuais da época, que faziam questão de exibir a colaboração de mulheres em algumas sessões da revista, como por exemplo, na “Carta de Mulher”.

* Licenciatura em História Plena na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

A revista Era Nova constituiu um espaço de expressão possível no cenário da Imprensa paraibana, desempenhando um papel capital por formular discussões sobre a conduta de mulher que era delineada no início do século XX, na Paraíba. Visto que as revistas passaram a ser um mecanismo de redes de sociabilidade e interesses de poder, o público/leitor foi envolvido pela a escrita e pelas as ilustrações contidas intencionalmente nas revistas. A esse respeito Telles (1997) faz a seguinte reflexão: *“Escrita e saber estiveram, em geral, ligados ao poder e funcionavam como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos em determinadas situações.”* (TELLES, 1997, pp. 401-402).

A intencionalidade dos fundadores de uma revista passa por todos os detalhes da sua criação, desde a seleção dos conteúdos, a estrutura física, sua narração, enfim todos os procedimentos que são eleitos e tidos como dignos de chegar até o público. A leitura, segundo Telles (1997), é o que transforma em obras as letras, frases e enredos, e está determinada pelo lugar social ocupado por um leitor, em um dado momento histórico. *“Portanto, é feita através do crivo de classe, raça ou gênero. Essas mesmas noções, de classe, raça e gênero são mutáveis e construídas no decorrer da história.”* (TELLES, 1997, p.402).

Desde o primeiro ano da revista Era Nova, observa-se em muitos dos seus exemplares discursos, que eram comuns relatos exaltando a beleza de determinadas senhorinhas leitoras. Os adjetivos eram inúmeros, a exaltação era tamanha que muitos se apropriavam de grande erudição e buscava inspiração nas reminiscências mais variadas possíveis, desde mitologia até aos mais variados poetas e artistas que se tinha notícia.

Na revista existia uma sessão chamada *“O Certame da Belleza”*, que noticiava sobre um concurso que avaliaria *“Qual a mais bella?”* dentre as paraibanas, e a vencedora além de prêmios que a revista oferecia, concorria com senhorinhas de outros Estados. O concurso era realizado com recolhimento de fotografias de diversas senhorinhas de todas as partes da Paraíba, *“O grande Jury que tem de escolher, dentre as victoriosas dos municípios incluso o da capital, o typo máximo da formosura parahybana...”* (Revista Era Nova, nº.25, 01/05/1922).

No ano de 1922, a eleição da mais bela paraibana rendeu em alguns exemplares da revista um verdadeiro debate sobre o conceito de beleza, entre a colaboradora que escrevia na revista pelo pseudônimo Violeta e uma das leitoras da revista Guiomar.

O impasse começou pelas idéias levantadas sobre o conceito de beleza por Violeta, em sua sessão “*Cartas de Mulher*”, o artigo foi escrito para homenagear a vencedora do concurso. Neste discurso, diga-se de passagem, riquíssimo em erudição, por trazer a tona diversas divagações e análises comparativas de referenciais de beleza, tendo como intuito pleitear o primado de formosura da eleita a mais bela da Paraíba, madame Stella Caçador, e mostrar o super-tipo plástico.

Violeta intitula o artigo com o nome da eleita STELLA, e ressalta que: “*O conceito de beleza é relativo e contingente, apesar do critério geométrico que pretende defini-la cientificamente.*” (Revista Era Nova, nº.28, 15/06/1922).

Neste ínterim, ela cita os grandes artistas italianos Michelangelo e Rafael que tinham divergências de concepções de beleza, cita ainda curiosidades de estilo de beleza da China. Em uma exibição de erudição Violeta, ainda cita vários exemplos que demonstram os seus notáveis conhecimentos. Citando variados exemplos de pontos de vistas sobre a beleza feminina, Violeta cita nomes como o de Michelet, Stendhal, um provérbio persa e até visões negativas sobre a mulher atribuída a santos como Santo Antonio e S. João Chisostomo. Mas algumas colocações desse artigo renderam inquietações e críticas da leitora Guiomar a Violeta, que apesar de ter produzido um texto riquíssimo em informações, com intuito de mostrar a relativização do conceito de beleza em todo mundo, acabou deixando sutilmente o seu ponto de vista, embasado nos preceitos racistas e civilizacionistas de sua época:

Entre nós mesmo esse ideal de perfeição plástica sofre uma sensível gradação. Para certos indivíduos materialistas, cuja sensibilidade se lhes embotou para a emoção artística e cujos nervos se interessaram para a sensação do bello, as suas preferências se voltam, de ordinário, para a mulher gorda, adiposa, de formas opulentas e carnação sangüínea, apopletica, como as papoulas. A mulher de tez láctea e mórbida, esguia e espiritualizada com um lyrio doente, realiza, para outros, o super-tipo plástico.

Uma e outra, entretanto, violam as leis geraes da biologia e da esthetica. Quer, porém uns, quer para outros, é sempre a mulher que encarna a synthese da belleza e da harmonia universaes, fonte onde dimanam todas as grandes emoções estheticas, a que o mundo moderno deve os seus imensos surtos de espiritualidade humana. [...] Bellezza espiritual da expressão e do gênio, ou belleza puramente plástica, é sempre ella o esforço culminante da raça e da civilisação para a suprema perfeição sonhada. (Revista Era Nova, nº.28, 15/06/1922).

Em outro exemplar da revista, em resposta às colocações de Violeta, encontra-se um “*Bilhete a Violeta*”, que nada mais era do que as colocações de uma leitora que dizia fiel e assídua da revista Era Nova e, em particular a sessão “Cartas de Mulher”, que assinava por Guiomar, e dizia se sentir inquieta com as divagações sobre conceitos de beleza escrito por Violeta.

Guiomar começa seu discurso de forma modesta, dizendo: “*Mergulhada sempre na minha obscuridade de mulher illetrada, jamias me nasceu a velleidade de publicar duas linhas sequer; todo meu esforço intellectual se resumindo á leitura apressada de algumas revistas*” (Revista Era Nova, nº.29, 01/07/1922), e acaba por demonstrar uma grande rebatedora de assuntos ligados aos conceitos de beleza, dando uma verdadeira aula para responder a Violeta.

No bilhete, Guiomar começa por elogiar a redação da revista formada, segundo ela, por um “*núcleo de moços dignos de exmeio*”. Na seqüência, ressalta o seu gosto pela leitura da sessão a cargo da Violeta, elogiando-a pela sua larga inteligência, e ainda confessando a sua dúvida sobre a real identidade de Violeta, de quem Guiomar desconfiava ser uma amiga sua de muita estima. O resto do bilhete, vale a pena reproduzir a seguir:

E foi em lendo-a, com uma curiosidade muito forte e vincada de ânsias no numero ultimo da << Era Nova >>, que me salteou o espírito a declaração chocante de que na mulher gorda se não depara a objectivação de qualquer ideal de belleza. Antes de tudo, é muito relativo, como disse você mesmo Violeta, esse conceito de beleza. Não há regras a que se o possa adstringir, dada a sua variabilidade espantosa, inevitável no vario dos temperamentos e na multiplicidade de theorias e idéia a respeito. Por mais que o queríamos prender nas malhas de determinadas normas, sempre nos está a fugir, resvalido, teimoso, tomado de caprichos desconcertantes. Se para Violeta realiza o typo de beleza um corpo franzino, flexível, dobrando-se, lesto, ás vibrações de nervos hyporesthesiados, para o meu desautorizado senso vejo violada a lei das proporções.

O Bello, quer na Natureza, quer no mundo animal, reside onde estacar a nossa admiração, com o desabrochar concomitante de prazeres ineffaveis em que se banhe, satisfeita, a nossa alma. Agora nem todos experimentarão sensações idênticas diante do Bello. Variam ellas com um sem numero de causas, que não é acusado enumerar. Impossível, portanto, se me afigura dar ao conceito de belleza a rigidez d’ uma formula. Para mim, a mulher gorda summaria a todas as exigências estheticas, e se me tivesse cabido a summa ventura de haver nascido homem, asseguro que a minha metade seria escolhida entre as que preenchem com plenitude, as condições acima indicada.

Sobre a eleita de nossa capital no concurso de belleza promovido pela <<Era Nova>> subscrevo o que disse Violeta juntando aos seus meus applausos. Pela defesa que faço das mulheres gordas não julgue Violeta que me acho integrada no seu numero. Não, sou, a revez, magra, approximando-me quadi do typo decantado pela amiga. Perdoe a immodestia e se não zangue com a sua admiradora. Guiomar!” (Revista Era Nova, nº.29, 01/07/1922).

O tom irônico com que Guiomar termina o seu recado não deixa dúvidas de que ela receberia resposta, e que Violeta não ia deixar barato as criticas e colocações de beleza defendidas por Guiomar, o que aconteceu no exemplar de número 32 da revista Era Nova, em que na sua sessão, Violeta fez questão de debater ponto a ponto as inquietações levantadas por Guiomar a sua pessoa.

Comparando com outros números da revista, observa-se que esse artigo endereçado a Guiomar foi um dos artigos mais longos escritos por Violeta, tamanha era a sua vontade, o seu desejo de se mostrar entendida nos assuntos de beleza. Por isso, mais uma vez é interessante reproduzir nesse trabalho o discurso da afetada Violeta, e observar na integra a sua visão ideal de imagem de mulher:

Para esse originalíssimo e requintado temperamento feminino, que é Guiomar, a mulher gorda summaria todas as exigências estheticas. Foi ela mesma que m'õ disse pelas columnas desta revista, e em quem estranhou houvesse eu firmado opinião contraria, tão chocante para a sensibilidade dos seus nervos e attentoria das leis geraes da critica e do gosto.

O Bello é um phênomeno subjetivo, evoluindo, portanto, com a maneira de ser individual. Dahi os diferentes conceitos de belleza, a sua infinita variabilidade. Lipps já definiu uma identificação do ser sentido no objecto contemplado. Daquela harmonia plástica, que era a maior paixão dos gregos, ao grotesco das figuras de agora, que cada vez mais se afastam da normalidade e da simetria clássicas, tem a cultura e o meio gerado definições diferentes de belleza.

Guiomar é um producto dessa cultura e desse meio. Erigido em culto a adiposidade, as enxudias femininas criou essas estranha organização de mulher nova e inéditas formas de belleza.[...] Os valores estheticos variam, pois, com o tempo, o meio, as raças, os individuos e... com a caprichosa e gentil fantasia de Guiomar. [...] São novos padrões, esses, que é mister não esquecer. Para as jovens gregas, que tinham outro ideal da vida e que tinham o habito dos desportos athleticos, a mais alta emoção esthetica, buscavam-na ellas nas variadas <<poses>> plásticas daqueles maravilhosos corpos nus dos formosíssimos athenienses, que estadeavam primores de anatomia; [...]

Entre as moças americanas, cuja educação está sendo calcada em moldes clássicos, o culto pela belleza evolue para aquellas formas antigas, que aspiravam, como supremo ideal, a divina harmonia das

linhas do corpo, sem o que não poderia haver perfeição moral, nem ventura na terra. Não podem ter a mesma concepção nossa da beleza, pois essas raparigas, formosas e loiras como um dollar, e que rompem assim com as tradições da educação ocidental, remontando a Hellade legendária, cuja vida e cuja beleza resuscitam [...] dansas clássicas e flexões rítmicas, que lhes adelgamo talhe, coloram a epiderme e lhes reduzem o ventre, remodelando-lhes os contornos porventura imprecisos.

A gordura, que é a negação desse ideal de movimento e força, é quase sempre sinal de decadência física, que é a morte da beleza e do amor...” (Revista Era Nova, nº.32, 15/08/1922).

Usando a todo tempo um tom de ironia para se referir à pessoa de Guiomar e apontando um ideal de perfeição corporal, Violeta não se faz de rogada ao defender seu ponto de vista sobre o conceito de beleza, e agora de forma explícita e ferrenha. A partir daí, não se encontra mais em seu discurso, a sutileza de outrora quando se referia a beleza de Stella e a variedade de gostos e conceitos de beleza.

Recorrendo mais uma vez a sua inteligência, o artigo é riquíssimo de ponto de vista de variados autores e de exemplos da história clássica grega de onde tira categorias valorativas como “harmonia plástica” e desvalorativa como “grotesco”, que ela usa e toma como parâmetro para legitimar o seu discurso, ditando normas e regras. Violeta tenta em seu discurso fazer uma verdadeira normatização de ideal de beleza. Lembrando as idéias de Foucault (1996), o discurso que prevalece é o do indivíduo que detém o poder, ou seja, o saber, e neste ponto a Violeta acaba por se enquadrar bem no perfil desse indivíduo.

Violeta mostra toda a sua face de mulher ofendida e se utiliza de toda sua erudição para rebater a Guiomar, de supor pelas suas colocações que Violeta deve ter varado noites inquietas. Com “*tamanha sensibilidade de nervos*” e “*atenção as leis gerais da critica e do gosto*”, da leitora Guiomar.

Pelo exposto, constata-se a importância desses discursos trabalhados e analisados nesse certame de beleza, que serviu de referencial para se lançar um “olhar” analítico sobre a mentalidade das mulheres paraibanas do início do século, tendo a revista Era Nova como espaço de criação desses discursos.

De certa forma, estas reflexões revelam que certas mulheres que escreviam para a revista Era Nova, traçavam imagens, modelos com intuito do público/leitor tomar como parâmetro, como legítimo. Nesse sentido, a leitora Guiomar se apresenta como

uma pequena amostra da reação ao discurso que estava sendo exposto na revista. Remetendo-se Certeau (1994), percebe-se o que ele chamou de *táticas antidisciplinantes* na figura de uma consumidora da revista Era Nova.

Guiomar ao escrever para a revista se localiza no lugar de uma mulher ordinária, em seu discurso no mesmo lugar em que ela faz elogios à redação da revista e a colaboradora Violeta, ela produz em seus discursos, astúcias que amenizam a sua condição passiva. Mas tanto em Guiomar como em Violeta, como nos outros discursos apresentados ao longo desse trabalho, destacam-se as impressões sobre as paraibanas do início do século XX, onde se podem notar suas operações e usos individuais nas artes de fazer o seu cotidiano.

No ano de 1922, a vencedora do “*prestigioso reinado da Belleza Parahybana*” como já se falou foi madame Stella Caçador, no exemplar de nº.28 analisado, no qual não havia estampado os clichês da “*tamanho beleza*” de Stella, e sobre o qual também não foram encontrados nos arquivos, exemplares disponíveis com a foto de Stella, restando para os seus contemporâneos uma incógnita ainda a ser revelada, da beleza de Stella Caçador, ou melhor, a pivô dos debates eufóricos de conceito de beleza feitos pela a colaboradora Violeta versus a leitora Guiomar, diga se passagem, defensiva da mulher gorda e sumária de todas as exigências estéticas.

Mas uma nota escrita pela revista na época, no exemplar (nº.28), que gerou toda essa história, justificava que ainda não havia concluído os trabalhos dos fotógrafos até a presente publicação. Para servir de consolo para os leitores da época e dos seus contemporâneos aflitos de curiosidade, a revista publica: “*Hoje ilustramos a nossa capa com o retrato de senhorita Raymunda Silva que conquistou o 3º lugar nesta capital*”. (Era Nova, nº. 28, 15/06/1922).

As observações feitas sobre o “Certame da Beleza” revelam que havia uma preocupação com o padrão de estética nos discursos analisados na revista Era Nova, começando pelos reclames apresentados indo até os pontos de vista eleitos como ideal de beleza. Ideal este, preso aos padrões estéticos propostos pela publicação, inspirados em modelos europeus, notadamente franceses, e modelos emergentes dos norte-americanos, onde se percebe signos de modernização permeados com os de um nostálgico romantismo.

A revista Era Nova estava inserida no contexto da política tradicional dominada pelo coronelismo-oligárquico, da dependência das publicações da época com os poderes

instituídos que patrocinavam, e com as restrições e limitações impostas ao mundo feminino da época, contexto esse que contribuiu ainda mais para realçar o seu pioneirismo, graças às propostas de modernidade publicadas à época.

Scott (1995) chama atenção para o fato de que só se pode escrever uma história, seja ela de homem ou de mulher, se tiver consciência de que elas são categorias vazias e ao mesmo tempo transbordantes. Vazia por elas não terem um significado definitivo, e transbordante, porque mesmo aparentarem pontos fixos, elas possuem ainda dentro delas definições alternativas, negadas ou reprimidas.

Sendo assim, a discussão de gênero mostra em suas reflexões e pesquisas que para entender os impasses de tais relações, deve-se buscar uma proposta de uma perspectiva pluralista, considerando-se uma multiplicidade identitária. Sobre isso, mais uma vez Scott (1995) alerta aos (as) historiadores (as) de que eles devem examinar: *“as maneiras como as identidades de gênero são realmente construídas e colocar os seus achados em relação com toda uma série de atividades, organizações sociais e representações culturais historicamente situadas”*. (SCOTT, 1995, p.16).

Com base nestas reflexões, pode-se afirmar que durante o tempo em que a revista Era Nova circulou, ela foi responsável por uma revolução no comportamento e na conquista do espaço, pela mulher paraibana. Este trabalho é um bom exemplo do espaço que a revista fornecia para tornar possíveis vozes de mulheres, que no caso em especial, traziam em seus discursos desavenças conceituais sobre o tipo ideal de padrões de estética para mulheres em sua época.

O belo e a beleza têm sido objetos de estudo ao longo de toda a história, muitas vezes em discursos elaborados por homens. A “ditadura da estética ideal” foi sendo reverenciada através dos tempos, tendo como principal intencionalidade passar modelos, o que despertou em muitas mulheres o desejo de apropriar-se deles e desenvolver possibilidades de utilizá-lo na prática.

Em linhas gerais, percebe-se nos discursos analisados de Violeta e Guiomar que existia na sua época (início do século XX) uma perspectiva pluralista, do jeito de se pensar mulher esteticamente.

REFÊRENCIAS:

ARAÚJO, Fátima. *História e Ideologia da Imprensa Paraibana – dados Históricos e Técnicos*. João Pessoa: União, 1983.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: I artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LIRA, Bertrand de Souza. *Fotografia na Paraíba: um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850- 1950)*. João Pessoa: Editora universitária, 1997.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Tradução de Christine Rufino Dabat. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1995.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

Revista ERA NOVA, Parahyba do Norte, Imprensa Oficial – 1921/1926.

Arquivos:

Museu Histórico de Campina Grande. Documentos históricos. C. Grande – PB, 2007.

SEDHIR. Arquivo da Universidade Federal de Campina Grande – PB. 2007.